

Enciclopédia jagunça

David Lopes da Silva

Mestrando em Literatura Brasileira

Nonada

Tomemos, como problema, o termo NONADA, pelo qual começa *Grande Sertão: Veredas*, e que, apesar do silêncio inicial de Cavalcanti Proença, tem interessado aos leitores de Guimarães Rosa.

Já Augusto de Campos encontra em NONADA um dos motivos “musicais” do texto, e por duas razões: devido à frequência com que ocorre ele mesmo, e ao característico timbre, repetido e lembrado a todo momento. Por conseguinte, sendo NONADA, literalmente, “*insignificância, bagatela*”, e de outro lado coincidindo, “por homonímia com a palavra *nada*”, o “conflito semântico” daí resultante (a “ambivalência”) é “onipresente” ao romance.¹

Donaldo Schüler, também tratando NONADA como *leitmotiv* musical estruturador do romance, estabelece como seu

princípio “uma superposição de conteúdos semânticos adquirida por verbomontagem”, aproximando-o ao “recurso” utilizado pelo “Joyce de *Finnegan’s Wake*.” Segundo ele, além do dicionarizado, NONADA apresenta, “pelo menos, mais outros dois significados”: “Não é nada” e “No (preposição com artigo) e *nada*”, o que o leva a afirmar que a ambivalência, agora traduzida por dimensão “vertical”, obrigaria, então, a “leitura em profundidade”.²

Em 1970, Nei Leandro de Castro observa que, das seis vezes em que NONADA aparece em *Grande Sertão: Veredas*, em quatro significaria a “forma reforçada da negação”. Nas restantes, percebe o “caráter pessoal e coloração nova” empregues, explicitando-as, embora não explicando a inovação.³

Citado por e anterior a ela sete anos, Vilem Flusser, cujo esforço por filiar NONADA à tradição filosófica contemporânea, acabaria indicando um caminho a seguir: “A negação do *nichts* heideggeriano e do *néant* sartriano é o ponto de partida do Grande Sertão com suas veredas. E traduzo a frase heideggeriana *Das Nichts nichtet* (‘o nada nadifica’) para a língua de Guimarães Rosa: ‘Nonada’”⁴.

Conectando os extremos do livro, Manuel Antônio de Castro cria uma interpretação matemática para NONADA ao lembrar que o travessão, primeiro signo do texto, indica o nada, “daí seguir-se-lhe ‘Nonada’, isto é, ‘No-nada’” e ligá-los, sinal e palavra, aos dois últimos: “‘Travessia’, e o sinal matemático que se lhe segue: ∞, ou seja, o infinito: tudo.”⁵

João Guimarães Rosa, no Glossário do Prefácio “A Escova e a Dúvida”, de *Tutaméia - Terceiras Estórias*, situa NONADA no primeiro lugar da lista de sinônimos de “tutaméia” que contém ainda “baga, ninha, inânias, ossos-de-borboleta, qui-

quiriqui, tuta-e-meia, mexinflório, chorumela, nica, quase nada”⁶. Exceto o último, todos figuram (alguns alterados) no verbete “ninharia”, da décima edição do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de 1963, na qual o autor Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira agradece a contribuição, em primeira instância, exatamente a João Guimarães Rosa.⁷

Incidências de *nonada* em *Grande Sertão: Veredas*

1) “- Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores do quintal, [...] Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente, [...]” (p. 7)

2) “A Nhorinhá — nas Aroeirinhas — filha de Ana Duzuza. Ah, não era rejeitã... Ela quis me salvar? De dentro das águas mais clareadas, aí tem um sapo roncador. Nonada! A mais, com aquela grandeza, a singeleza: Nhorinhá puta e bela. E ela rebrilhava, para mim, feito itamotinga. Uns talismãs.” (p. 290)

3) “Atirei. Atiravam.
“Isso não é isto?
“Nonada.” (p. 305)

4) “E o mais — é peta — nonada.” (p. 384)

5) “O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco?” (p. 556)

6) “O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.” (p. 568)

Contraposto a “muito” e a “pouco” (5), NONADA não pode ser enxertado num dos lados do dilema “ser ou não ser”, mas, mais, é conjunto (água e sapo, por exemplo, em 2, representado por Nhorinhá, “sinhô e sinhá”) ligado por uma relação (a amizade entre narrador e ouvinte, escritor e leitor).

Por outro lado, é “peta” (4), é “isso” (3), “tiro” que não é “isto” (3), não é “de verdade” (1): primeira pessoa do verbo “tirar”: “eu tiro”.

Assim, se *nonada* não é o mesmo que “nada”, também não é simplesmente “ser”. E se liga ao processo de subtração que tem como agente aquele que está falando.

“Nada” é o Diabo, o puro mal, como Rosa revela em carta ao tradutor italiano.⁸ No *Grande Sertão: Veredas*, aparece figurado no “escampo dos infernos” do Liso do Suçuarão, na baldada travessia de Medeiro Vaz: é “Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Suçuarão, é o mais longe — pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo.”⁹ O Liso é menos que nada, é “nada vezes”, onde o segundo fator falta, nada multiplicado por uma ausência: é o demo, anagrama de Medo, constante na raiz do nome do líder, cujo sobrenome encarna o Vazio. É não o Sertão, mas uma região desértica¹⁰ ilimitada, infinita¹¹, seu “miolo mal”¹². É o Não-Ser, como as Veredas Mortas, “lugar não onde”¹³.

Em *Tutaméia*, o Não-Ser surge, por exemplo, em “Hiato”¹⁴: é o touro¹⁵ negro, “enorme e nada”, “impossível”, “total desforma”, que tira aos vaqueiros “qualquer espaço”. Touro cujos olhos são “os ocos da máscara”. O mesmo touro que é “Velho como o ser, odiador de almas”, onde odiador é tanto o touro como o ser: o Não-Ser é também Ser.

Aparece também, o Não-Ser, além de corporificado no Dia-

bo¹⁶, encarnado no Hermógenes de *Grande Sertão: Veredas*¹⁷, do qual o narrador pergunta: “Ao que será que seria o ser daquele homem?”¹⁸; em *Tutaméia*, o falso jagunço Jeremoavo¹⁹, depois de haver sido expulso da Chapada de Trás pela própria família, que o queria morto, erra “ensimesmudo, sobrolhoso, sozinho sem horas” “em caminho aflito para nenhuma parte”, sendo, novamente, “desterrado” da casa de Domenha, para onde, se voltasse, seria morto.

Destino diferente tem Hermenegildo, o “Mechéu”²⁰: “senão de si não gostando de ninguém”, que “proseava de ter uma só palavra”, “ilota e especulário”: após a morte do amigo Gango, atravessa “fase de metamorfose”, o que lhe mexe tanto que acaba enfermo, depois convalescendo. Na seqüência de *Tutaméia*, “Melim-Meloso”²¹ (quem “pode ser até que ele venha a existir”, segundo as “Cantigas de Serão”): “homem de todas as palavras”, renegando sorrindo o chapéu impingido, compra-o por um “quase-nada”²² e transforma-o, de “antiquíssimo, fora-de-moda”, em “uma beleza, no se ver”, além de ganhar o cavalo do amigo João Vero. Hermenegildo, então, por ser Mechéu, se era Jeremoavo, está a caminho de Melim-Meloso.

“Aletria e Hermenêutica”²³, dito sobre “anedotas de abstração”, quais sejam, “as com alguma coisa excepta”, se foi criticado por ser apenas um rol de piadas velhas²⁴, o foi apenas devido a uma leitura apressada. De fato, o autor distingue aqui duas espécies de Nada, o residual e o privativo, sendo este o “verdadeiro” Nada²⁵, pólo oposto ao Ser, ao passo que o outro é melhor descrito como NONADA, sempre o terceiro de dois:

Se o silêncio é o mais próximo da música, se o copo meio cheio está meio vazio, se o mundo é Deus presente ou ausen-

te, há o B entre Abel e Caim; o avestruz, girafa e passarinho; o roxo, rubro e azul; o O, buraco e não-buraco; o livro.

NONADA é o “nada residual” apresentado neste Prefácio, resultante de “operações substrativas”: *“Por aqui, porém, vai-se chegar perto do nada residual, por seqüência de operações substrativas [...] o que aqui se põe, é o argumento de Bergson contra a idéia do ‘nada absoluto’ [...] Trocado em múdo: esse ‘nada’ seria apenas um ex-nada”*²⁶.

NONADA é a resposta silenciosa ao *koan* “Atravessa uma moça a rua; ela é a irmã mais velha, ou a caçula?": o problema é “sem saída”, através dele o zenista pretende “atingir o satori, iluminação, estado aberto às intuições e reais percepções.”²⁷

Enquanto o “anti-poeta” tem de contentar-se com o “nada privativo”, Manuel Bandeira, em “Aletria e Hermenêutica”, percebe o “nada residual”: a parede muda do louquinho “são vertiginosos átomos, soem ser.” Exemplo de “silêncio bulhento”.²⁸

Nonada Filosófico

Dando continuidade à tentativa de Vilem Flusser de tirar o NONADA do texto rosiano e com ele enxergar a realidade contemporânea²⁹, vemos que o *nichts* heideggeriano ao ser traduzido para o francês, passa a ser *rien*, enquanto o nada de Sartre é *néant*, o que denuncia Deleuze. As imagens de Sartre (“buracos”, “lagos de não-ser”)³⁰ descrevem antes o Nada do Liso do Suçuarão³¹ que o NONADA.

“(Não)-ser” é a maneira que Deleuze encontra para expressar o NONADA, afirmando que seria melhor ainda escrito ?-ser³². Apenas assim não se confundiria o (não)-ser com o negativo, visto que a negação mesma é ativa, *transformativa*: “a nega-

ção, fazendo-se negação das próprias forças reactivas, não é apenas ativa, mas *transformada*. Exprime a afirmação, exprime o devir-activo como poder de afirmar.”³³ Assim, quando o Liso retorna ao livro, agora sob o comando de Urutu Branco, ele pode ser atravessado³⁴; por isso a “fase de metamorfose” de Mechéu o aproxima de Melim-Meloso. Ao escrever ?-ser, diz-se não (a) o Nada, diz-se o *problema*.

Deleuze lê, em Nietzsche, dois tipos de negação: na primeira, é “o motor e a potência” dos quais resulta a afirmação, que “conserva” o que é negado. A afirmação afirma “tudo que é negativo e negador”, “tudo o que *pode ser negado*.” É a afirmação do Asno de Zaratustra, para quem “afirmar é carregar, assumir, encarregar-se”. É a negação do “boi dialético”³⁵, da *Aufheben*, que supera, conserva, mas, principalmente, *levanta*.³⁶

É a negação que afirma *um* dos lados da disjunção, afirma tendo de negar: “Deus ou o demo?” — sofri um velho pensar.”, diz Riobaldo nas Veredas-Mortas,³⁷ para logo dizer, retrospectivamente, “eu estava bêbado de meu.”³⁸ Peso do eu penso, de-pendente, meu e eu falo, desvelados por Derrida: contra o falocentrismo, a leveza da pena que não pune, escreve, *peniculus*, vasoura ou bacio.³⁹

No segundo tipo de negação (o ?-ser, “ser do problemático”, cujo símbolo⁴⁰, 0/0, não se confunde com o “nada, nada vezes”⁴¹), “a afirmação é primeira: ela afirma a diferença, a distância. A diferença é leve, aérea, afirmativa. Afirmar não é carregar, mas, ao contrário, descarregar, aliviar.”⁴² Contra a representação conservada, enlatada, a diferença que cria novos valores enquanto e quando ativada.⁴³ Contra o peso do eu penso, a ninharia: NONADA.⁴⁴

Manuelzinho no zôo

“O ponto de vista de que o nome popular ‘manuelzinho-da-croa’ refere-se à espécie *Charadrius collaris* é defendido, há mais de uma década — comunicação pessoal — pelo professor Ney Carnevali, docente (aposentado) do Departamento de Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. [...] Na visão bem-humorada de Eurico Santos: ‘[...] Vive às carreiras, mas, de contínuo, faz súbitas paradas e lá vai de novo correndo e parando, como se tivesse o intuito de nos divertir.’”⁴⁵

O manuelzinho-da-crôa, “passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaixo e rio-acima”⁴⁶, o “formoso próprio”⁴⁷, para o qual “é preciso olhar com um todo carinho”⁴⁸, “o pássaro mais bonito gentil que existe”⁴⁹ é a charada graciosa que Diadorim ensina Riobaldo a “parar apreciando”.^{50 51}

Assim, se o Hermógenes de *Grande Sertão: Veredas* é, em-si, o Diabo, torna-se ele *problema* para Riobaldo⁵²: “Eu vinha entretido em mim, constante para uma coisa: que ia ser. Queria ver em correndo num pé só...”⁵³ Acabar com o Hermógenes! Assim eu figurava o Hermógenes: feito um boi que bate. Mas, por estúrdio que resuma, eu, a bem dizer, dele não poitava raiva. Mire veja⁵⁴: ele fosse que nem uma *parte de tarefa*, para minhas proezas, um *destaque* entre minha boa frente e o Chapadão. Assim *neblim-neblim, mal-vislumbrado, que que um fantasma?*⁵⁵ E ele, ele mesmo, não era que era o *realce* meu — ? — eu carecendo de derrubar a dobradura dele, para remediar minha grandeza façanha! [...] Tempo do verde!”⁵⁶

Torna-se *problema*, o Hermógenes, por ter matado Joca Ra-

miro, verdes sendo os olhos de Diadorim, através dos quais Riobaldo vê: NEBLINA.

O Cântaro do Sertão

Se o Hermógenes pode tornar-se problema, é porque há uma curiosa passagem entre o Não-Ser e o ?-ser.⁵⁷ Há Não-Ser e há Ser, e há ?-ser. Entretanto, os dois primeiros são e não são o mesmo ou não são o mesmo? ?-ser, o problema, desdobra-se: em Ser e Não-Ser, e em Ser ou Não-Ser. Esta passagem do 3 ao 4 é exigida por Derrida a fim de desconstruir a metafísica⁵⁸: “This passage from three to four may perhaps be seen as a warning to those who, having understood the necessity for a deconstruction of metaphysical binarity, might be tempted to view the number ‘three’ as a guarantee of liberation from the blindness of logocentrism.”⁵⁹

Se Luís Costa Lima pode dizer que Riobaldo é “o único personagem no *Grande Sertão: Veredas*”⁶⁰, é só enquanto for *símbolo*. Eudoro de Souza afasta as categorias de *enigma*⁶¹ e de *alegoria* como características da arte em proveito das de *mistério* e *símbolo*, respectivamente. Contra a *passividade* da pergunta “que significa isto?”, feita pelos que sempre buscam em outra coisa o que está simplesmente dito, o símbolo, *ativo*, cujo “caráter equívoco e multívoco” *significa*, “em uma só coisa, todas as suas alegorias”⁶².

Esta coisa, “Ce quelque chose, ou la Chose, est le Signe.”⁶³ Signo que “Heidegger identificaria [...] au *Quadripartiti*, miroir du monde, quadrature de l’anneau, Croix, Cadran ou Cadre”⁶⁴: em *A Coisa*⁶⁵, o Signo é o CÂNTARO, e cantaridade é a oferta da versão da água, do vinho, em que se demoram céu e terra; em cuja oferta, que é bebida, perduram mortais, e que é libação, perduram os divinos.⁶⁶ Os Quatro, terra,

céu, mortais e divinos, são ‘unificados’ em um Quadrado único”⁶⁷, cuja “unificidade” perdura “na oferta da versão”⁶⁸. O CÂNTARO é Riobaldo. Sua Quadrilha são Hermógenes (o Não-Ser), Otacília (o Ser), Zé Bebelo (o Ser ou Não-Ser) e Diadorim (o Ser e Não-Ser).⁶⁹: terra⁷⁰, céu⁷¹, mortais⁷², divinos⁷³.

Se o Hermógenes é o mal puro, a “figurinha de rosto” de Otacília, poderia ser “Nossa Senhora”.⁷⁴ Se Zé Bebelo é a inteligência⁷⁵, lógica e ambígua, Diadorim é a ambivalente vontade⁷⁶, querer e não querer simultâneos: ódio, amor, amor ou ódio, amor e ódio.⁷⁷ E dança a Quadrilha:

Riobaldo contra Hermógenes

Riobaldo e Zé Bebelo

Riobaldo Diadorim,

E Riobaldotacília:

casamento no sertão!

Homem com homem, mulher com mulher,

O Hermógenes com Zé Bebelo na Sempre-Verde,

Diadorim e Otacília na Santa Catarina.

Troca de casais

Hermógenes Ricardão

Otacília e Nhorinhá

Zé Bebelo (Quelemém?)

Diadorim, Joca Ramiro...

Fim de festa

Diadorim e Hermógenes:

Paredão.

Otacília e Zé Bebelo:

São Gregório.

E se Riobaldo é a Quadrilha, ele também é Não-Ser, não existe⁷⁸: Riobaldo é a *passagem*, é a voz microfonada que dá

movimento, que faz a Quadrilha dançar. Então o demo é Riobaldo mesmo. E o personagem único do *Grande Sertão*, desviando-se do lado formal, exaurido e aurático, finalmente se aproxima da água viva de Joyce: RIVERRUN.

Desglobalizando o Sertão

Os olhos de Lombardi são verdes, embora seja ela apenas uma voz no SBT. Os olhos da Diadorim viram lentes de contato, contatos midiáticos. E Diadorim não rima mais com Miguilim: a Bruna não é neblina, é mulher mesmo, sem mistério.

O bruto comercial Ricardão vem de Verde Pequeno: venda, vendo. É quem, no exatamento, manda no Hermógenes. Que, se é verde, é de inveja.

O Sertão também é aqui. Que não se o desvirtue, virtualizando-o. A Internet não é do tamanho do mundo, é outro mundo; mundo da *informação*: informação deformativa, travessia do homem para o inumano, esse o homem, homem sem essência, e não por acidente. Bípede implume, não voa porque tem dois pés, matou seu anjo da vanguarda com um etiquetador que inflaciona rótulos que nem criou, apenas apõe: *pós-*, *neo-*: classifica para desclassificar.

Faz crer que não há saída nem contramão no beco duma terceira via, ainda que imperfeita. Faz crer que o real é o real: o Sertão virou marketing.

Voa manuelzinho,
pela Fazenda Santa Catarina
do Brasil.



Notas

1. Campos, p.333.
2. Schüler, p.371.
3. N. de Castro, p.110. As passagens citadas pela autora são as de números 2 e 4 (V. *infra*).
4. “Suplemento Literário” do *Estado de São Paulo* n.360, ed. de 14-12-1963, *apud* N. Castro, p.110).
5. M. de Castro, p.44.
6. *Tutaméia*, p.166.
7. p.XV. Galvão já o nota desde a nona edição, de 1951 (Galvão, p.73, nota 97).
8. “Além disso, em NHÃ-Ã (nhã-ã, nhan-an) reluz o ‘esqueleto’, o *substrato* de nenhum, ninguém, etc, = isto é, o nada, a negação = o mal, o Diabo.” Carta de 19-11-63. (Bizzarri, p.54. Grifos de Rosa)
9. *Grande Sertão: Veredas*, p.32. Utéza (p.82) lê, em “escampo”, a locução latina *ex campus*, “fora do espaço”.
10. “Você olha esse mundo aqui em abaixo, ó [as Companhias que tomaram o lugar das Fazendas de gado]. Que está destroçado aí, na beira dessas veredas. Onde tem água tem bateria cozinhando carvão, aquela confusão toda. Você olha esse azul aí fora... e pra todo lado aqui o tanto de Eucalipto que tem!... Cobra pode ter alguma dentro dessa reserva. *Mas dentro do Eucalipto nem cobra não fica. Nem cobra!* Marimbondo, você pode andar o dia todo dentro do Eucalipto, você não encontra.” (Manuelzão, em entrevista de 1989, transcrita em Brandão (1998), p.251. Grifos nossos).
11. “Abismo horizontal”, segundo a expressão de Moacyr Laterza, recolhida por Viegas, p.68.
12. *Grande Sertão: Veredas*, p.46.
13. *Grande Sertão: Veredas*, p.90. Não à toa, Alan Viggiano não encontra o “Liso do Suçuarão”, “que com este nome não aparece nos mapas”, sendo obrigado a identificá-lo a outro “Liso”, o da Campanha ou da Campina (p.5). Tampouco localiza o Vão do Oco e as Veredas Mortas.
14. *Tutaméia*, pp.61-63.
15. Note-se que “touro” é anagrama de “outro”, nome este do Diabo em várias passagens de *Grande Sertão: Veredas*.

Se, por um lado, a segunda metade do século XX tem tentado recuar as origens do culto a Dioniso até o Oriente Médio, desde as escavações de Haláf-Arpat-chiah, na bacia do Eufrates (V. “Dioniso em Creta”, in Souza (1973), p.13), por outro, de certo é apenas que existia na Creta minóica, e “Minos” seria “*título do*

rei e nome do touro” (p.17). Da “*lábrys* ou bipene, machado de dois gumes, que, sem dúvida, foi instrumento de sacrifício do Touro Sagrado” (p.13), talvez provenha o nome “Labirinto”. Um olhar antropológico encontrará, por exemplo, em nossa Farra do Boi, a mesma estrutura arquetípica do sacrifício como dominação do outro, domesticação do estrangeiro, na perseguição, agora, pelo Labirinto da cidade.

Sobre Dioniso como o “estrangeiro”, e também a Ártemis táurica, v. Vernant, *A Morte nos Olhos - Figuração do Outro na Grécia Antiga - Ártemis e Gorgó*, Jorge Zahar Editor, RJ, 1988.

16. O Demo é o Que-Não-Há (p.55), um-que-não-existe (p.130), aquele — o-que-não-existe (p.282), Quem que não existe (p.390)

E talvez não tenha sido mera coincidência Rosa utilizar preferencialmente “demo” por “Diabo” (descontados o “equilíbrio formal” com a palavra Deus (Campos, p.335) e a superstição em não falar o nome “Diabo”), já vislumbrando o poder medíocre que tem o povo na democracia dos *media*.

17. Cf., falando do Hermógenes: “Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa.” (GS:V, p.169).

18. GS:V, p.219. A quíidade do Hermógenes, a definição de sua essência, é “mal sem razão...” (GS:V, p.505).

19. “Barra do Vaca”, em *Tutaméia*, pp.27-30.

20. Em *Tutaméia*, pp.88-91.

21. *Tutaméia*, pp.92-96.

22. “Quase nada” é sinônimo de “tutaméia” e de “nonada” (*Tutaméia*, p.166).

23. *Tutaméia*, p.12.

24. “E, o sentido que transcende a ‘coisa em si’ é fartamente motivado pela seleção de piadas que GR faz, ressaltando interrogativos e preocupantes problemas em estado gasoso, de maneira sensível, apesar de não muito original, por se tratar de piadas muito conhecidas.” (Covizzi, p.91). O que realmente espanta, aqui, é que, embora reconheça o *anekdotos* da “essência da piada” (p.91), a autora não chegue a assimilá-lo ao conjunto do próprio Prefácio, produzindo uma interpretação, ela sim, convencional, tradicional.

25. Nada privativo, *stéresis*, ou, hoje, “privatizado”, em tradução “rosadora”.

26. *Tutaméia*, pp.5-6.

27. *Tutaméia*, p.8. Veja-se a semelhança com o oráculo grego, na descrição de Heráclito: “O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas *acena (semáinei)*”, (fragmento 93).

28. *Tutaméia*, p.11.

29. V. *supra*.

30. Apud Deleuze, *Diferença e Repetição*, pp.118ss., n.21.

31. Veja-se, por exemplo, “lagoa de areia”, GS:V, p.44.

32. *Diferença e Repetição*, p.118.
33. Deleuze, *Nietzsche e a Filosofia*, p.107.
34. “Pelo e no eterno retorno, a negação como qualidade da vontade de poder transforma-se em afirmação, torna-se uma afirmação da própria negação, torna-se um poder de afirmar, uma potência afirmativa.” *Nietzsche e a Filosofia*, p.107.
35. Veja-se o “peso” do touro de “Hiato” (*Tutaméia*, p.62), a associação constante de Hermógenes a animais rastejantes: “caranguejando” (GS:V, p.169), “caramujo” (GS:V, p.199) et *simila*.
36. Citações e realces de Deleuze, *Diferença e Repetição*, pp.102s.
37. *Grande Sertão: Veredas*, p.393
38. *Grande Sertão: Veredas*, p.394.
39. Manuelzão vê assim o Guimarães Rosa desconstrutor da dualidade fala/escrita: ao ser questionado sobre a confusão feita por Elpídio de Souza Pinto, um dos companheiros de viagem que, em 1952, excursionaram com Rosa pelo sertão (“na minha época ele (João Rosa) não passou por aqui. Só se foi depois. Agora, veio o sobrinho dele, o doutor Joãozito” (Brandão (1998), p.295)), diz o amigo e personagem: “Não teve ninguém mais que João Rosa. Foi João Rosa... João Rosa: Joãozito e Dr. João é a mesma pessoa. É a mesma pessoa!” (entrevista de 20-11-89, em Brandão (1998), p.230). “Joãozito” sendo seu apelido na infância cordisburguense, e “Dr. João” o que “falava em diversos idiomas”, na expressão do próprio Manuelzão (Brandão (1998), p.293). Já Cavalcanti Proença esclarecia “que o aproveitamento das peculiaridades orais, no caso, não implica em reprodução documental da linguagem falada.” (Proença, p.217). Ver, também e por exemplo, Schüller, p.366 (“G.R. não obedece ao sistema lingüístico dos bem falantes nem reproduz o falar do ‘sertão.’”).
40. *Diferença e Repetição*, pp.325s.
41. V. *supra*.
42. Na Conclusão de *Diferença e Repetição* (pp.422s.), Deleuze associa este ao *mé ón* grego. Não encontramos justificativa aparente para a aproximação da negação “subjettiva” do grego ao “ser do problemático” (v., p.ex., Humbert, §614: “la présence de la négation subjective se justifie de ce fait que le sujet parlant a dans l’esprit une idée de *generalité* - souvent de *consécution générale*: il a le sentiment de *generaliser au départ du réel*”. Grifos do original), restando à “objetiva” (“‘ou’ constate qu’une *affirmation posée* ne s’accorde pas avec la *réalité* (ou ce que l’on considère comme tel).” §610. Grifos do original) o “ser do negativo”. Dada a ignorância assumida, licenciemo-nos a relacionar a negação objetiva (“ou”) ao “ou” da disjunção hamletiana, o que o “Tudo é e não é” de Riobaldo, não é.
43. Deleuze, *Diferença e Repetição*, pp.103ss.
44. “— Será já em si o ‘eu’ uma *contradição*?” (“Mechéu”, in *Tutaméia*, p.90).
45. Luiz Otávio Savassi Rocha, “João Guimarães Rosa: conversa de ‘passarim’,”

do maçarico-de-coleira ao maçarico-esquimó”, in “Caderno de Sábado” do *Jornal da Tarde* de 24-07-1999.

46. GS:V, p.134.. Outra interpretação do manuelzinho da croa, está em Utéza: “imprime-se assim [...] como símbolo vivo de um tempo de felicidade extraordinária [...] o divino oculto dentro do nome da ave: o Emanuel Coroado.” (p.282).

47. GS:V, p.134. Em grego, o tema de “forma”, *êidos*, vem do verbo “ver”, *idein*, do qual deriva também *idéa*, “idéia”. Isso talvez explicasse a ausência de referência, em *Grande Sertão: Veredas*, à exata localização do Liso do Suçuarão, perto, segundo Viggiano (p.56), do município de *Formoso*.

48. “Carinho” que, embora filologicamente inexato, associamos a *kháris*, “graça”, através da “graça de carinha” de Otacília (GS:V, p.176). Sobre a inexactidão imanente de toda filologia, v. Deleuze, falando do método de Heidegger e de Jarry: “Tout critère scientifique d’etymologie n’a-t-il pas d’avance été répudié, au profit d’une pure et simple Poésie? On croit bon de dire qu’il n’y a là que des jeux de mots. Ne serait-il pas contradictoire d’attendre une quelconque correction linguistique d’un projet qui se propose explicitement de dépasser l’étant scientifique et technique vers l’étant poétique? Il ne s’agit pas d’etymologie à proprement parler, mais d’opérer des agglutinations dans l’autre langue pour obtenir des surgissements dans la-langue.” (Deleuze (1993), p.123).

49. GS:V, p.134.

50. GS:V, p.134.

51. Veja-se a descrição de Zaratustra, coroado com a coroa do ridente, do riso santo: “Zaratustra, o dançarino; Zaratustra, o leve, que acena com as asas, pronto a voar, acenando a todos os pássaros.” (Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*, quarta parte, *apud* §7 da “Tentativa de Autocrítica” a *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*) e compare-se com “rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.” (Lorenz, p.37).

52. “Ao que será que seria o ser daquele homem?” (GS:V, p.219). Já Antônio Cândido o sugere, ao dizer que “O demônio surge, então, como acicate permanente, estímulo para viver além do bem e do mal.” (Cândido, p.90).

53. A imagem talvez se refira ao caso de Maria Mutema. Se “mutema” deriva do latim *mutus*, -a, -um, “mudo, silente”, e Galvão (p.128, n.104) a opõe a fonema, Rosa a opõe a “monema”. O certo é que a ema corre, quer dizer, Mutema muda ao falar, rasga a “gastura” (GS:V, p.210. Utéza descobre aqui “a raiz germânica *wastus* - vazio, deserto” (p.88)), obtém o perdão da outra Maria, a do Padre, e dos filhos destes, “ficando santa” (GS:V, p.212)

54. A fórmula “Mire e veja” reenvia à primeira página do livro, quando Riobaldo explica a seu interlocutor o significado dos tiros que este ouvira: “Alvejei mira em árvores do quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade.” (v. *supra*, p.2)

55. “Quem entende a espécie do demo? [...] E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. A ele vazio assim, como é que eu ia

dizer: — “Te arreda desta minha conversa!?!...” (GS:V, p.458).

56. GS:V, pp.504s. Realces nossos.

57. Se o demo, no meio do redemunho, é o Nada, não se explica o devir. Assim entende Santiago (pp.39s.), que o vê como “movimento da transformação”. Este Não-Ser, que para que o Ser vença, precisaria ser “exorcisado, ou assassinado”, no texto de Rosa, na verdade, nunca desaparece, e, quando se o mata, quem o faz é o povo prascóvio.

58. Clarice Lispector, em *Água Viva*, também liga o 3 ao velho, “o segredo do Egitto, quando eu me movia em longitude, latitude e altitude com ação energética dos elétrons, prótons e nêutrons”, perdida “no fascínio que é a palavra e a sua sombra”, palavra que “é a minha quarta dimensão.” (Lispector, pp.11s.)

59 A citação é um comentário de seu tradutor para o inglês, *apud* Muller e Richardson, pp. 166s. Nesse sentido, a posição de Kathrin Rosenfield permanece *metafísica*, ao enxergar em NONADA uma “representação do momento negativo anterior ao desabrochar positivo e vital”, e encontrá-lo “nos mitos da Índia, da Grécia arcaica e sociedades ‘primitivas’, no misticismo cristão e judaico, no sistema hegeliano e na psicanálise freudiana.” (Rosenfield, p.20).

60. Lima, p.71. Outro caminho segue Heloísa Vilhena de Araújo, ao afirmar ser “o *Manuelzinho-da-Crôa*, o único personagem do livro. Guimarães Rosa é, ao que tudo indica, o personagem único de *Grande Sertão: Veredas*, o ‘homem humano’ que percorre o *itinerarium mentis ad Deum*.” (Araújo, p.121). O próprio Riobaldo indecide-se: “Então, eu era diferente de todos ali? Era. [...] E eu era igual àqueles homens? Era.” (GS:V, p.161).

61. “Contemplando um dos famosos pares de botas de Van Gogh ninguém ousará afirmar que o pintor nos propôs um enigma.” (Souza (1973), p.173).

62. Souza (1973), p.180. Grifos do autor.

63. “Un précurseur méconnu de Heidegger, Alfred Jarry”, in Deleuze (1993), p.122.

64. *Ibid.*

65. Texto de Heidegger constante em *Vorträge und Aufsätze*, de 1954, e vertido para o português por Eudoro de Souza, em Souza (1988).

66. Heidegger (1954), §§29-31, in Souza (1988), p.125.

67. *id.*, §31.

68. *id.*, §32

69. Aproveitando a nomenclatura seguida por Wilson Martins (in Daniel, p.xxix), Hermógenes e Otacília seriam *discóides*, enquanto Zé Bebelo e Diadorim seriam personagens *esféricos*, para o que corroboraria até as consoantes dobradas dos nomes destes.

70. V. *supra*, nota 35.

71. “A Fazenda Santa Catarina era perto do céu.” (GS:V, p.176)

72. Em página e meia, Zé Bebelo é o “homem” por 12 vezes (GS:V, pp. 81-2).
73. Diadorim é Deodorina, dádiva de Deus. V., entre outros, Campos, p. 339 e, mais elaborado, Garbuglio, p.74.
74. *Grande Sertão: Veredas*, p. 148.
75. “Ele era a inteligência!” (GS:V, p. 120). Para esta e a seguinte, v. Araújo, pp. 75s.: “Se Zé Bebelo figura a inteligência, com sua ambigüidade, [...] Diadorim é, ao que tudo indica, de certa forma, a figuração da *vontade* de Riobaldo”.
76. “As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim.” (GS:V, p. 35)
77. De direito infundáveis, as variações revestiriam-se, com efeito, *ad libitum*. Uma leitura que descentraliza o personagem Riobaldo e, como elemento de passagem entre Hermógenes, Joca Ramiro, Diadorim e aquele, sugere “Nonada”, “Sertão” e “Travessia”, é a de Brandão (1990) “SER - TÃO DENTRO DA GENTE”, texto da Cantata Cênica composta por Raul de Valle a ser estreada no fim do ano corrente [1999]. “Seres e sugestões” são distribuídos por quatro ciclos (“vermelho”, “azul”, “verde” e “marrom”), cada qual congregando grande número de “elementos elementares”, provando que tudo é.
78. “ — ‘E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada...’ ” (GS:V, p. 328)

Referências Bibliográficas

- ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*. R. de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ROSA, G. *Tutaméia - Terceiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- ANTELO, R. “Naderia”. In *Folha de São Paulo*, “Caderno Mais!”. São Paulo, 1º de Agosto de 1999, p. 7.
- ARAÚJO, H. V. *O roteiro de Deus - dois estudos sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- BIZZARRI, E. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano*. São Paulo: T. A. Queriroz: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1980.
- BRANDÃO, C. R.. *SER-TÃO DENTRO DA GENTE - proposta inicial de texto da cantata* (Datilog.), 1990.

- BRANDÃO, C. R.. *Memória / sertão - cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul; Editora UNIUBE, 1998.
- CAMPOS, A.. "Um lance de 'Dês' do Grande Sertão". In *Coleção fortuna crítica 6 - Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 321 a 349, 1991.
- CÂNDIDO, A.. "O homem dos avessos". In *Guimarães Rosa: Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, pp. 78 a 92, 1995.
- CASTRO, M. A.. *O homem provisório no Grande Ser-Tão: um estudo de Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1976.
- CASTRO, N. L.. *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- COVIZZI, L. M.. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.
- DANIEL, M. L.. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- DELEUZE, G.. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado, 1988.
- DELEUZE, G.. "Un précurseur méconnu de Heidegger, Alfred Jarry". In Deleuze, G., *Critique et clinique*. Paris: Les Éditions de Minuit. pp. 115 a 125, 1993.
- DELEUZE, G.. *Nietzsche e a filosofia*. Porto: Rés-Editora. Tradução de Antônio M. Magalhães, s/d.
- GALVÃO, W. N.. *As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HEIDEGGER, M.. *A coisa*. In Souza, E (1995) *Mitologia I: mistério e surgimento do mundo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, pp. 121 a 131. Tradução de Eudoro de Souza, 1954.
- HUMBERT, J *Syntaxe grecque*. Paris: Klincksieck, 1954.
- LIMA, L. C.. "O sertão e o mundo: t ermos da vida". In Lima, L. C., *Por qu  literatura?*. Petrópolis: Vozes, pp. 71 a 97, 1969.

- LISPECTOR, C.. *Água viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.
- LORENZ, G.. "Diálogo com Guimarães Rosa". In *Guimarães Rosa: Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, pp. 27 a 61, 1995.
- MULLER, J. e RICHARDSON, W. J., "The challenge of deconstruction". In *The purloined Poe*, pp. 159 a 172.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras. Tradução de Jacó Guinsburg, 1992.
- PROENÇA, M. C.. "Tfilhas no Grande Sertão". In Proença, M. C., *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: José Olympio, pp. 115 a 239, 1959.
- ROSENFELD, K. H.. *Os descaminhos do demo: tradição e ruptura em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Imago; S. Paulo: EDUSP, 1993.
- ROCHA, L. O. S.. "João Guimarães Rosa: conversa de 'passarim', do maçarico-de-coleira ao maçarico-esquimó". In *Jornal da Tarde*, "Caderno de Sábado", São Paulo, 24 de Junho de 1999, pp. 1 a 3, 1999.
- SANTIAGO, S.. "A ameaça do lobisomem". In *Revista brasileira de literatura comparada*, nº 4, Rio de Janeiro; Abralic, pp. 31 a 44, 1998.
- SCÜLER, D.. "Grande Sertão: Veredas - estudos". In *Coleção fortuna crítica 6 - Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 360 a 377, 1991.
- SOUZA, E.. "Arte e escatologia". In Souza, E. de, *Dioniso em Creta e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades, pp. 165 a 182, 1973.
- SOUZA, E.. *Mitologia I: mistério e surgimento do mundo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- UTEZA, F. *João Guimarães Rosa: metafísica do Grande Sertão* São Paulo: EDUSP. Tradução de José Carlos Garbuglio, 1994.
- VIEGAS, S. M.. *O universo épico-trágico do Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Laboratório de Estética da UFMG, 1982.
- VIGGIANO, A.. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1978.

